

TRAJE DE CENA E MODA: PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA

COSTUMES AND FASHION: POINTS OF CONVERGENCE AND DIVERGENCE

Lourenço, Juliana Rebello (Mestranda da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo; julianarebello@usp.br); Italiano, Isabel Cristina (Profa Dra da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo; isabel.italiano@usp.br).

Resumo

Esse artigo propõe a identificação da relação entre a moda e as artes, sobretudo as cênicas, destacando alguns dos inúmeros estilistas que trabalharam na criação de figurinos. Apesar de muitos pontos em comum, não se trata de uma relação exclusivamente convergente, mas que apresenta, também, aspectos divergentes. A abordagem do trabalho traz uma nova perspectiva para essa relação.

Palavras Chave: trajes de cena; moda; estilistas.

Abstract

This paper proposes the identification of the relationship between fashion and arts, especially drama, emphasizing some of the many designers who created costumes. Although many points in common, it is not only a convergent relationship, but also presents some divergent aspects. So, this paper brings a new perspective on this relationship.

Keywords: costumes; fashion; fashion designers.

Introdução

Tomar, como exemplo, o filme “O Diabo Veste Prada” (2006) para dizer que a moda virou tema de filme, referir-se às meias de *lurex* da novela “Dancing Days” (1978) ou aos turbantes e faixas da viúva Porcina, da novela “Roque Santeiro” (1985), para mostrar como os figurinos das novelas podem influenciar a moda e invadir as ruas, chega a ser um *clichê*, mas o fato é que a relação entre os trajes de cena e a moda é maior e mais antiga do que se possa imaginar.

A aproximação da moda com as artes começou no século XIX, com Charles Frederick Worth (1825 - 1895), o primeiro costureiro a assinar suas criações, como faziam os pintores com suas obras de arte. Worth ganhou grande notoriedade

quando a imperatriz Eugénie, esposa de Napoleão III, tornou-se uma de suas clientes e indicou, em 1860, sua *Maison* para confeccionar os trajes da corte francesa. Com o fim do Segundo Império Francês, o papel da imperatriz, como símbolo de beleza e elegância, acabou, e, em seu lugar, surgiram as atrizes, que tinham no palco contato direto com o público, o que as tornavam uma excelente vitrine para as criações do costureiro (QUEIROZ, Volume 1, 1998).

A partir de então, a relação entre a moda e as artes, sobretudo as cênicas, se estreitou cada vez mais. Diversos estilistas foram influenciados por pintores, pelo teatro e, posteriormente, pelo cinema. Foram inúmeras as parcerias entre figurinistas e as casas de moda, além dos próprios estilistas trabalhando na criação trajes de cena, vestindo as atrizes dentro e fora dos palcos e das telas.

A estilista Lucile (1863 - 1935), primeira inglesa a alcançar fama mundial na alta-costura, já que Worth, embora inglês, por sua atuação é considerado um costureiro francês, foi a responsável por criar, em 1907, o figurino usado pela atriz Lily Elsie na peça “A Viúva Alegre”. Cópias e versões dos vestidos e, principalmente, dos chapéus, que ficaram conhecidos como chapéus da viúva alegre, foram usados, exaustivamente, na Inglaterra e no mundo (BATTISTA, 2009).

Jeanne Paquin (1869 - 1936), concorrente direta da Maison Worth que, na época, já estava sob a direção dos filhos de seu fundador, reconheceu a importância do cenário cultural de Paris durante a *Belle Époque*, na intenção de ampliar seu público. Paquin foi a primeira a investir em propaganda, espalhando cartazes com desenhos de suas criações em teatros e levando manequins, vestidas com seus últimos modelos, para as óperas. As atrizes formavam boa parte da clientela de Paquin, que também confeccionou, em sua casa de costura, os trajes da Companhia de Balé Russo e os figurinos do filme “A Bela e a Fera”, 1946. (QUEIROZ, Volume 2, 1998).

Homem de múltiplos talentos, Mariano Fortuny (1871 - 1949), além de estilista que vestiu grandes estrelas de sua época, como a atriz Sarah Bernhardt e a dançarina Isadora Duncan, transitou por diversas áreas de criação artística, desde pintura, escultura e até fotografia (QUEIROZ, Volume 1, 1998).

O estilista Paul Poiret (1879 - 1944) tinha verdadeira paixão pelo teatro, e suas idas frequentes a peças enriqueceram tanto sua vida como suas criações. Poiret vestiu Sarah Bernhardt, Mata Hari e Cora Laparcerie na peça “Le Minaret”, de

1913, além de ter criado parte do guarda-roupa de outras atrizes. Seus modelos não se limitavam aos palcos, pois as mulheres da plateia desejavam para si o que viam durante as peças.

Elsa Schiaparelli (1890 - 1973) ficou conhecida por introduzir conceitos estéticos e artísticos na moda. Entre suas coleções destacam-se a *Circus* (1938) e a *Commedia dell'Arte* (1939), inspiradas nessas modalidades das artes cênicas. Schiaparelli criou figurinos para os filmes “Every Day's a Holiday” (1937), “Pigmalião” (1938), “No Turbilhão Parisiense” (1938) e “Moulin Rouge” (1952), além de ter em sua lista de clientes muitas atrizes (FARAH, 2003).

Em 1946, o estilista Pierre Cardin (nascido em 1922) teve a oportunidade de trabalhar com trajes de época ao confeccionar os figurinos do filme “A Bela e a Fera”, enquanto trabalhava na Maison Paquin. Em 1949, começou a produzir roupas para teatro, ocupando o endereço da antiga *Maison Pascaud*, que também criava trajes cênicos (QUEIROZ, Volume 1, 1998).

O vermelho foi fortemente incorporado por Valentino Garavani (nascido em 1932) quando o estilista assistiu, em Barcelona, uma ópera e ficou impressionado com o impacto dos trajes na cor, que tornou-se presença marcante em suas coleções. A arte, em todas as suas facetas, era assunto de grande interesse de Valentino, tendo bastante influência sobre suas criações, vestidas por clientes de destaque como as atrizes Audrey Hepburn, Elizabeth Taylor e Sophia Loren (QUEIROZ, Volume 2, 1998).

Yves Saint Laurent (1936 - 2008) foi outro estilista que se inspirou nas artes, desde o Balé Russo até Picasso. Antes mesmo de manifestar seu interesse por moda, Yves já gostava de teatro e pensava em trabalhar com figurinos de época. Em 1958, criou seus primeiros trajes de cena para a peça “Cyrano de Bergerac” e para o balé de Roland Petit. Yves criou, também, figurinos para diversos filmes como “A Pantera Cor-de-Rosa” (1964) e vestiu a atriz Catherine Deneuve no filme “A Bela da Tarde”, de 1967 (QUEIROZ, Volume 2, 1998).

O representante japonês Issey Miyake (nascido em 1938) é constantemente considerado como um artista, ao invés de estilista, e seus trajes percorrem tanto passarelas quanto museus e galerias do mundo todo. Para as artes cênicas, Miyake confeccionou o figurino do balé “Casta Diva”, de Maurice Béjart, apresentado em Paris, e do balé “The Loss of Small Detail”, de William Forsythe (QUEIROZ, Volume

3, 1998).

Vivienne Westwood (nascida em 1941), estilista conhecida por lançar a moda punk, produziu os trajes chamados de “Carnival of Birds”, do Royal Ballet Gala, apresentado no Royal Opera House de Londres. Em 1995, idealizou parte do figurino do filme “Despedida em Las Vegas”, além de ter preparado, no ano seguinte, as roupas da ópera “Hamlet”, encenada pela primeira vez em Londres, após cem anos desde sua última apresentação (QUEIROZ, Volume 3, 1998).

Coco Chanel (1883 - 1971) e Hubert de Givenchy (nascido em 1927) dispensam comentários para suas inúmeras criações no cinema. Chanel foi recrutada para produzir, para Hollywood, por um valor ainda inigualável, um milhão de dólares, e Givenchy participou da execução do figurino de Sabrina (1954), ganhador do Oscar de Melhor Figurino, recebido pela figurinista Edith Head que assinou sozinha a produção, episódio que simboliza a rixa entre estilistas e figurinistas (FARAH, 2003).

Os franceses Christian Lacroix (nascido em 1951) e Jean Paul Gaultier (nascido em 1952) criaram diversos trajes de cena para diferentes linguagens, como ópera, balé e circo. Posteriormente, outros nomes como o do inglês Alexander McQueen, a dupla Viktor & Rolf, as irmãs Mulleavy, da marca Rodarte, entraram para a lista de estilistas que atuam como figurinistas, sem falar nos representantes brasileiros, também bastante ativos nessa atividade.

Sem se apoiar em imagens óbvias da interação entre a arte e a moda, os inúmeros exemplos apresentados mostram que, ao longo do tempo, mesmo pequenos envolvimento entre um estilista e uma atriz, um figurinista e uma casa de costura contribuíram para a existência e o fortalecimento dessa relação.

É possível dizer que se trata de uma relação bastante convergente, onde, por vezes, as áreas arte e moda se fundem em um fenômeno conhecido por *hibridismo* (Mendes, 2003). Entretanto essa relação não é exclusivamente convergente, mas apresenta, também, alguns aspectos divergentes.

São considerados pontos convergentes, nessa relação, os movimentos chamados de “As Artes viram Moda”, ou seja, a influência que a primeira tem sobre a segunda e “A Moda entra em Cena”, que se refere à apropriação do tema, de tendências e, sobretudo, de profissionais da área de moda, nas produções e em seus figurinos.

No que diz respeito aos pontos divergentes, eles vão desde as diferentes opiniões de figurinistas sobre a contribuição da moda em sua área, até, efetivamente, as diferenças entre criação e produção de trajes de cena e itens de moda, obedecendo as principais características que os diferenciam em suas funções práticas, estéticas, simbólicas e, principalmente, no que se refere ao feitio distinto de ambos.

O presente trabalho ocupa-se, portanto, de levantar diversos exemplos dessa relação, analisando alguns deles com base nas seis principais características observadas em um traje, independente de sua função ou classificação, ou seja, cor, forma, volume, textura, movimento e origem (VIANA, 2009).

Pontos de Convergência – “As Artes viram Moda”

Um ponto de convergência, aqui considerado, é o fenômeno em que as “Artes viram Moda”, ou seja, quando o cinema, a televisão, as artes cênicas em geral exercem forte influência na produção de moda, por meio da inspiração de temas para coleções, editoriais de moda e campanhas publicitárias.

Um bom exemplo de coleção influenciada pelas artes é a do Inverno 2010 de Ronaldo Fraga, inspirada no trabalho da bailarina Pina Bausch. Fraga explora diferentes campos da produção cultural.

“Das Artes Plásticas, do Teatro e da Música são oriundas referências que evidenciam as diferentes representações que formam a memória social e, dessa forma, o designer se apropria delas de modo que os próprios desfiles conjuguem práticas destes diferentes campos, extrapolando, algumas vezes, a condição do evento como uma apresentação das roupas. Como exemplos, é possível citar as coleções ‘São Zé’, ‘As Células de Louise’, ‘Quantas noites não durmo’ e ‘Tudo é risco de Giz’, além da sua coleção ‘Pina Bausch’, na qual o designer alude a uma das principais coreógrafas de dança contemporânea do mundo” (JÚNIOR, 2010, págs. 236 - 237).

Além das formas das roupas e, principalmente, dos acessórios, as cores e estampas que remetiam à maneira de vestir da coreógrafa ou aos figurinos de suas peças, uma importante característica em comum a coleção de Ronaldo Fraga e a produção de Pina Bausch, é a origem, já que Fraga resgata elementos da memória para criar, assim como Bausch fazia com suas coreografias, que eram principalmente baseadas nas experiências de vida dos bailarinos nas cidades de todo o mundo durante suas turnês. O resgate da memória de Fraga começa já no início do desfile, quando uma bailarina adentra na passarela, que mais parece um

cenário, tocando bandoneon, uma clara referência à peça Cravos, primeiro contato do estilista com a obra da coreógrafa (JÚNIOR, 2010).

Dentre os editoriais de moda com influência da sétima arte, o cinema, é possível citar o publicado pela revista Vogue Norte-Americana na edição de dezembro de 2003, onde estilistas famosos posam ao lado de suas criações na atmosfera do clássico “Alice no País das Maravilhas”.



Figura 1 – Da esquerda para direita os estilistas John Galliano, Viktor & Rolf e Christian Lacroix com a modelo Natalia Vodianova, fotografados por Annie Leibovitz, para o editorial Alice in Wonderland. Fonte: Revista Vogue Norte-Americana, edição de dezembro de 2003.

A figura 1 reproduz três, das doze imagens apresentadas pela publicação, sendo que, em onze delas, a personagem Alice está vestida em tons de azul. Em apenas uma das imagens não é possível confirmar se Alice também está de azul, uma vez que a foto está em preto e branco.

A cor é um importante critério para a análise de um traje e, nesse caso, a escolha unânime dos estilistas pelo azul confirma que faz parte do inconsciente coletivo, desde a animação dos estúdios Walt Disney de 1951, uma Alice vestida de azul, embora, em algumas das primeiras edições do livro de Lewis Carroll, publicado em 1865, a personagem já tenha sido representada vestindo amarelo, laranja e rosa.

Enquanto a cor azul é unânime, apesar dos diferentes tons, a forma das peças escolhidas pelos estilistas para trajar Alice é a mais variada possível, carregada do estilo de cada um sem, no entanto, deixar de identificar a personagem.

Alice no País das Maravilhas é um tema bastante recorrente em editoriais de moda e também campanhas publicitárias. Para sua coleção de calçados Outono/Inverno 2010, Christian Louboutin fez uso do universo dos sonhos, com referências de Alice caindo na toca do Coelho Branco, além da vista de Pandora do filme Avatar, para veicular suas criações.

A marca brasileira de *jeanswear* Damyller explorou filmes clássicos, “Luzes da Cidade”, “Cantando na Chuva”, “Janela Indiscreta”, “Juventude Transviada”, “O

Pecado Mora ao Lado“, “Bonequinha de Luxo“, “Laranja Mecânica“, “Taxi Driver“, “Pulp Fiction“, “O Hotel de Um Milhão de Dólares“ e “Encontros e Desencontros e Direito de Amar“, para veicular sua coleção de Inverno de 2011.

Pontos de Convergência – “A Moda entra em Cena”

Diversos estilistas já transitaram pelo cinema, televisão e outras artes cênicas carregando, para o universo dos trajes de cena, as peculiaridades de sua área e, em alguns casos, sendo capazes de influenciar a moda com seus figurinos.

Para os palcos, a estilista Lucile criou, no início do século XX, os figurinos de “A Viúva Alegre“, que foram, na época, usados exaustivamente por mulheres de todo mundo. Na indústria cinematográfica, a parceria entre a atriz Audrey Hepburn e o estilista Hubert de Givenchy, nos anos 50, foi tão bem sucedida que, mesmo não sendo o único, nem tão pouco o primeiro, é provável que tenha sido o estilista que melhor deixou sua marca vestindo Hepburn, dentro e fora das telas, com destaque para os filmes “Sabrina” “Cinderela em Paris“ e “Bonequinha de Luxo“ (FARAH, 2003).

Os exemplos atuais de parceria são tantos, que este artigo limita-se a abordar apenas um deles, provavelmente um entre os menos conhecidos, porém bastante atual. Trata-se dos figurinos criados pela dupla holandesa de estilistas Viktor & Rolf para a ópera romântica “O Francoatirador“, da obra do alemão Carl Maria Von Weber, com direção de Robert Wilson (BATTISTA, 2009).

A figura 2 apresenta imagens que revelam a influência das coleções dos designers na produção dos figurinos mencionados, sobretudo, no que diz respeito ao volume, outra característica relevante para a análise dos trajes, ou seja, o espaço físico tridimensional ocupado pelas peças.

Mas não é só com estilistas desenvolvendo figurinos que “A Moda entra em Cena“. Também estão incluídas as produções com forte temática de moda, sobretudo as cinematográficas, que fazem uso desse universo nas telas e, em contrapartida, oferecem com os filmes uma grande quantidade de informação para alimentar o mercado, por exemplo, com “O Diabo Veste Prada“ e “Delírios de Consumo de Becky Bloom“.



Figura 2 – À esquerda, peças das coleções “Flowerbomb” Primavera/Verão 2005 e “No” Outono/Inverno 2008 dos estilistas Viktor & Rolf, e à direita os figurinos criados pela dupla em 2009 para a ópera “O Francoatirador”, da obra de Carl Maria Von Weber, com direção de Robert Wilson. Fonte: <http://www.viktor-rolf.com/> <http://www.trendhunter.com/trends/opera-viktor-rolf-der-freischutz>.

Há ainda aqueles filmes em que, embora a moda não seja a temática principal, apresentaram figurinos tão marcantes que influenciaram a notoriedade da produção, como é o caso de “Bonequinha de Luxo” e “Juventude Transviada”.

Esse assunto é tão recorrente que é tema constante em *sites* e eventos da área de moda. O importante jornal *The New York Times* já publicou uma lista com os dez filmes mais importantes que influenciaram a moda, assim como o Centro Cultural Banco do Brasil já promoveu uma mostra do gênero, a Filme Fashion.

Pontos de Divergência – Diferentes Opiniões sobre a Relação entre o Traje de Cena e a Moda

Consagrados profissionais das artes cênicas divergem quanto à contribuição da moda, e de seus profissionais, para a produção de trajes de cena. Para muitos deles, moda e figurino são coisas bastante distintas e, assim, nem sempre a apropriação dos conceitos da moda, ou mesmo o trânsito de estilistas pela área dos trajes de cena, é bem vista. Em outros casos, a moda e os grandes estilistas são importante fonte de inspiração, sendo que alguns figurinistas declaram que chegam a adaptar ou copiar itens criados para o vestuário em seus trajes.

Para o autor e diretor Augusto Boal, o figurino não pode ser confundido com a moda e um estilista não serve para criar um traje de cena, porque, em sua concepção, a moda corresponde a uma ideologia da burguesia que só interessa ao teatro se for para representar justamente isso (MUNIZ, 2004).

De forma semelhante, Daniela Thomas, cenógrafa e diretora de teatro e cinema, também vê a moda com ressalvas devido às relações de poder que ela proporciona, mas admite que ela apresenta um caráter criativo e que já usou a ideia de uma peça criada pelo estilista Jean-Paul Gaultier.

“A moda tem também essa característica inventiva, transformadora e o Gaultier, por exemplo, é um cara que transitou muito bem no universo do teatro por ter essa personalidade criativa. (...) Vejo a moda como um campo de referência. Tudo o que sabemos sobre figurino foi desenvolvido no campo da moda e vem da história da indumentária, mas o problema é cultural. (...) Eu não gosto da ideologia da moda e não transito bem por esse terreno, mas gosto da moda como referência para fazer grandes trabalhos de teatro e cinema” (MUNIZ, 2004, pág. 137).

A figurinista e diretora de arte Emília Duncan explica que os códigos do teatro e da moda são diferentes, assim como as questões técnicas na sua execução e utilização. Apesar disso, para Duncan, há diversos exemplos de estilistas que são chamados para fazer figurino de teatro, com criações bem sucedidas.

“Um dos figurinos mais bonitos que vi na minha vida foi do Christian Lacroix, na opereta A Viúva Alegre, à qual assisti em Nova York. O jogo de cores e a harmonia eram deslumbrantes. Ele é um estilista provençal, que trabalha com cores e mexe muito bem com os excessos. Lacroix é um estilista teatral” (MUNIZ, 2004, pág. 149).

Já Samuel Abrantes, figurinista do teatro e do carnaval, afirma que recebe forte influência da moda na criação de seus figurinos e fantasias.

“Eu copio um pouco dos grandes desfile, de Lacroix, Issey MiYake. Adorava as dobraduras do Yamamoto com uma modelagem diferente fantástica, que até tentei reproduzir. (...) Eu me inspiro no universo da moda. Quando viajo, não costumo ver espetáculos de teatro, mas moda” (MUNIZ, 2004, pág. 277).

Pontos de Divergência – Diferenças entre Criar e Produzir Itens de Moda e Trajes de Cena

A partir desses e de outros depoimentos na obra de Muniz (2004), é possível concluir que a produção de roupas e de figurinos são coisas distintas. Apesar da grande ajuda que a habilidade de fabricar uma roupa fornece para a confecção de

um figurino, uma série de detalhes diferenciam os processos de criação e produção de um vestuário e de um traje de cena.

A troca rápida das peças, seu uso constante e exigente em cena, o suor que pode deteriorá-la, a iluminação que pode alterá-la, o texto, o contexto, a passagem do tempo e a personalidade da personagem que devem ser transmitidas pela caracterização, requerem técnicas especiais, como o uso de elementos de confecção, como velcro, forro, *looks* completos emendados como se fossem uma única peça, necessários para que a produção funcione, ao menos, no caso específico do teatro (MUNIZ, 2004).

O cenógrafo e figurinista J. C. Serroni comenta sobre a existência de diferenças na criação e produção de trajes para as diversas linguagens artísticas, o que permite inferir que, dessa forma, também não são os mesmos recursos utilizados para desenvolver e confeccionar itens do vestuário usados no dia-a-dia.

“Cada universo tem a sua peculiaridade. Quando se faz escola de samba, é preciso pensar muito na questão do ar livre, nos custos, nos materiais (...) Na dança, deve se pensar, principalmente, num figurino que exige uma série de técnicas para não atrapalhar, de maneira nenhuma, o movimento do corpo. O figurino de ópera (...) Tem a questão da quantidade de pessoas dentro do palco e a postura diferenciada do cantor em cena... E no figurino do palco teatral tem-se a preocupação de descobrir quem é a personagem juntamente com o ator (...) Daí entram os problemas das trocas rápidas de roupas, a relação com a luz etc.” (MUNIZ, 2004, pág. 217).

Outro exemplo de particularidade na execução das peças está no cinema, em algumas produções, onde as cenas não são gravadas na sequência em que serão exibidas e, assim, é necessário produzir mais de um exemplar do mesmo figurino, para que se possa, em cada um deles, revelar o que já foi vivido pela personagem até aquele momento.

É possível citar o uso desse recurso nos figurinos do filme “Harry Potter e as Relíquias da Morte - Parte 2” (2011), onde cada desafio enfrentado pelo personagem Harry é incorporado ao figurino usado na cena em questão, conforme ilustra a figura 3.



Figura 3 – Cenas do “Especial Harry Potter e as Relíquias da Morte Parte 2 - Por Trás da Magia”, Warner Bros, 2011, onde são mostrados os diversos figurinos produzidos para a batalha de Harry. Fonte: retirado do vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=SAgFSzaYw8M>.

Conclusão

É fato que a relação entre a arte e moda é forte e duradoura e a discussão, tanto dos pontos em que as áreas convergem, como nos que divergem é relevante para ambas. Por vezes, é dito que a moda se apoia na arte como forma de legitimação, mas, também, é certo que a arte encontrou na moda outro campo de produção.

Não se pode dizer qual exerce maior influência e oferece maior contribuição para a outra, mas o que está evidente é que se trata de uma relação frutífera nos dois casos: “As Artes viram Moda” e “A Moda entra em Cena”.

Referências

BATTISTA, Anna. Fashion and Theatre: from Worth to Viktor & Rolf. In: **Irenebrination**, 2009. – disponível em : http://www.irenebrination.typepad.com/irenebrination_notes_on_a/2009/04/fashion-and-theatre-from-worth-to-viktor-rolf-.html

FARAH, Alexandra (Org.). **Mostra Filme Fashion – Grandes Estilistas no Cinema**, 27mai a 15 jun. 2003. São Paulo, Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

JÚNIOR, João Dalla Rosa; ANDRADE, Pedro Duarte de. O design de moda e os lugares de memória: Ronaldo Fraga e sua coleção Pina Bausch. In: **REDIGE – Revista de Design, Inovação e Gestão Estratégica**, Volume 1, Número 1, 2010. – disponível em:

<http://www.cetiqt.senai.br/ead/redige/index.php/redige/article/view/38/126>

MENDES, Rafael Haendchen. **Interface artística: uma abordagem entre as artes plásticas e a moda**. Santa Catarina, 2003. – disponível em:

<http://www.ceart.udesc.br/Pos-Graduacao/revistas/2003/2003/rafael/Rafael.htm>

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os Nus – O Figurino em Cena**. Rio de Janeiro, Senac Rio, 2004.

QUEIROZ, Fernanda Nechar de. **Os estilistas**. Coleção O mundo da moda, Volumes 1 - 8. São Paulo, SENAI CETVEST, 1998.

SCHOLL, Raphael Castanheira. Narrativas Artísticas e o Uso dos Signos: Percurso Histórico e Estado Atual do Figurino. In: X Salão de Iniciação Científica PUCRS. Rio Grande do Sul, **Anais do X Salão de Iniciação Científica PUCRS**, 2009. p. 3354-3357.

VIANA, Fausto. **As tramas do café com leite**. Relatório científico final de auxílio pesquisa Fapesp. São Paulo, Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2009.